



# **Universidade de Brasília**

Instituto de Artes - IdA

Departamento de Artes Visuais - VIS

Sofia Ramos de Almeida Andrade

## **Criadouro de Despropósitos**

Monografia apresentada ao Instituto de Artes – IdA, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Artes Plásticas.

Orientadora:

Profa. Denise Conceição Ferraz de Camargo

Brasília, DF, 2021

CRIADOURO DE  
DESPROPÓSITOS



Agradecimentos e cariños a  
minha orientadora: Denise  
Ferraz de Camargo



Universidade de Brasília

SOFIA RAMOS



Obrigada à minha mãe que  
me deu o leite e ao meu  
pai que me deu o café.





mas se você quiser transformar o  
ribeirão em braço de mar você vai ter  
que encontrar aonde nasce a fonte do  
ser e perceber meu coração bater mais  
forte só por você

de Milton.  
quem sabe isso  
quer dizer amor.

inventário de palavra inexistente

•

• •

• • •

• • • •

• • • • •

• • • • • •





escrevinhanças escritos

CONTO proposições TRECHO  
c o n v e r s a s

carta antiga, segredo ouvido aos pedaços DE

B E I J O R O B A D O MÚSICA  
COISA QUE

CO LE ÇÃO DE PE NAS  
DE PAS SA RI NHO

CAMINHOS

DESVIOS

FUGA

ÊXODO

lembrança

memória

família

lista de supermercado

lista de amores

lista de histórias

lista de materiais

lista de textura de madeira

lista de livros pra ler

C DESPERTA amores antigos  
dizer popular

O AFETO costumes antigos

N SERTÃO

V coisa que CARTO


I não é pra GRAFIAS  
ser lida

E e coisa que ESCRI

S é pra se ler TAS

V E R S O D E M Ú S I C A

Colecionamentos que cato pelo  
percurso e agora ajunto em uma pilha  
de páginas, tentando abraçar e  
colocar em par de muitas palavras,  
alguns prazeres e desprazeres não  
contados. Trago formas criadouros do  
meu trabalho em arte acá por meio de  
catações que repensam o produzir pelo  
território brasil que se planta os  
pés; junto pedras e pedaços de  
matérias largadas, discursar com os  
pés em terra vermelha latina e criar  
movimento. Subir poeira. O pão que  
nasce do fogo na roda da saia na gira  
da terra. O vento que rasga telhado  
tambor ritmado trompetes de guerra. A  
guerra que traz a poeira que bate na  
gente, poeira que vem do sertão.  
Configuração, bafo quente.



*poeira de cordel  
encantado*

bafo  
quente

vem

De primeira parte me relacionando intimamente ao espaço que me coloco corpo, cato conto sobre bilhetes entre-amassados de histórias de relações americanas, contando-os por meio de estruturas que levam o texto a adentrar o território da cultura como principal forma de agenciamento de poderes, mas também de possibilidade de aberturas solidárias aos corpos sociais e suas brasileiridades; vem poeira. Faço então uma leitura rápida sobre as formas e tramas tecidas pelo Brasil durante alguns momentos específicos da história, dando ênfase nas trocas atuais, com enfoque específico sobre as relações tecidas com a hegemonia mundial de solo também americano e como corroboram para uma massificação de dessubjetividades latinas ao valorizar um sistema econômico maquinário que não pensa as necessidades e desejos genuínos da nossa terra. Vem poeira

poeira

Os escritos então nos  
levam às formas e  
visualidades violentas  
coloniais que agenciam  
nosso contexto latino  
americano à partir de  
companhias  
imperialistas com todo  
esse amontoado  
dispersado de terras do  
globo, entrando no  
território da arte e nas  
formas repressivas que  
ela própria vivência e  
perpetua como criadouro  
de conhecimentos  
estéticos e políticos;  
caixinha de formas de  
perceber; e vivente das  
relações de poder. Daí  
um estudo íntimo de  
maneiras e trejeitos de  
atuação dos trabalhos  
artísticos na área do  
sensível com a potência  
de minar estruturas de  
desejo e subjetividades

congeladas, atadas aos  
engrenamentos  
maquinários que consoam  
ritmicamente ao sistema  
latino americano  
vigente; convite pra  
cantar alto, pra cantar  
feio, pra cantar  
desafinado, ou pra cantar  
bonito também, pra cantar  
belezuras ou dores do  
coração, mas pra cantar de  
dentro do peito, de  
cariños, de besteiras,  
daquelas que dói pulmão de  
tanto puxar ar já danado  
de findado. Adentro;  
feito minhoca em  
subterrâneo de terra  
ocre; as questões que me  
movem dentro da arte, mas  
aquelas que me imobilizam  
também, que por vezes me  
fazem querer virar  
desistente, me fazem  
questionar e quase que por  
um vacilo buscar meios de  
atuar mais assertivos de



mudança social para de novo ser capturada por qualquer movimento externo que seduz minha percepção; ser lembrada pela vida da potência do sensível que é calada pelo barulho de fora, e deixá-la gritar para ferir de despropósitos afetivos outros tímpanos também.

Nessa troca de compreensão das formas com que a arte age ativa e inativamente; não da política ou da própria arte; mas da vida, desembarcamos nas opções de criadouros que carrego dentro de meus passos. Atadas por fios às minhas pernas ficam pequenas caixinhas imaginárias que se rebatem contra meus tornozelos como que lembrando sua presença bem naqueles ossinhos de equilíbrio em cada uma das extremidades do pé. São caixas que escolhi carregar, são pequenas lentes que utilizo para assim perceber o mundo cada qual com sua peculiaridade; às vezes tento até usar mais de uma de uma vez só, tipo quando cato madeira enquanto procuro banca de jornal que ainda funciona pra tirar foto; são formas

para ferir de  
despropósitos  
afetivos

sensíveis de criadouros de mim para  
se descobrir novas relações e  
afetos com o espaço dentro de meu  
trabalho; criar mistérios  
despropositados. Criadouro pra se  
encontrar à flor da pele;  
subjetividades e desejos;  
encontrar o outro.

brincadeira de criança  
gostar de silêncio

# criadouros

Agrupamentos sobre uma  
poética política,  
relacional e decolonial  
dentro de uma criação  
vívda e pesquisa em artes  
em contexto brasileiro; em  
tempo quente tropical em  
fruta doce colorida em  
comprimento descontraído  
de esquina; que é por si  
despropositada. Não tem um  
propósito utilitário,  
sistematizado, não visa  
respostas e nem resultados

instantâneos e todo esse  
resto; visa despropósitos.  
Escrivinhanças que exploram  
medo do escuro  
sobre meu trabalho e  
escolhas poéticas mas não  
descoladas do contexto em  
que se dão e sim por causa  
dele; não há outra forma de  
estar se não do jeitinho que  
já estou; entendendo também  
as familiaridades e  
companhias que se dão nó  
nesse meio; caminho com um  
corpo atado à tantos outros.

criadouro  
criadouro  
criadouro  
criadouro  
criadouro

cr  
la  
do  
ur  
os

escrito  
anotada  
em canto  
de caderno  
antigo

ALBUM DE FIGURINHA

AS

GRANDES

MULHERES

DA MINHA

VIDA

FOTO  
GRAFIAS

frase solta que  
peguei no ar

guardadas

autoras  
companhias  
autores

Textura de madeira  
diferentes tipos de papéis  
pedras de diferentes cores

FÁBULAS  
INVENTADAS

amor escondido

Por meio de anotações às  
vezes soltas mas sempre de  
alguma forma

entregredadas; entre-  
caminhos; cato tudo que me  
desperta afetos e vem  
sendo levado comigo por  
esse processo de trabalho  
em arte, por todas as  
minhas produções que  
persistem alinhadas à  
abertura de espaços  
solidários, decoloniais e  
latinos. Grito, mas não  
grito sozinha:

livros  
cadernos  
anotações  
dicionários  
página de sinônimos  
romance  
comédia

conversa de  
vídeo que  
não me  
lembro mais

o título  
vozes

coisa perdida

história contada músicas

REFERÊNCIAS

Abro gavetas ;  
Reviro armários e prateleiras ;  
Desenterro cadernos e páginas soltas ;  
Amassadas ;  
Ouço conversa de gente estranha ;  
Cores que não sei o nome ;  
Reviro lixos e pastas antiga ;  
Pego marcações em post-it ;  
Pego música no spotify em lista pro tcc ;  
Abro pasta no computador ;  
Abro arquivo no drive ;  
Pego trocas de email antigas ;  
Rótulo de produto ;  
Anoto conversas descontraídas ;  
Palavras soltas e difíceis de entender dos livros  
de Rosa ;  
Tudo que foge do centrão ;

Junto, reescrevo,  
repenso, observo  
as coisas de  
maneiras sempre no  
ímpeto de me  
relembrar de não  
voltar à quedar-me  
em massificações.

# terra das massas

Eu quase que nada sei, mas  
desconfio de alguma coisa, levo em  
corpo uma vida pequena ainda de  
vinte e três anos dentro de mim, e  
levo também histórias de outras  
vidas, levo segredos e dores de  
lutas outras, de corpos latinos; eu  
sei de tudo na ferida viva do meu  
coração. Se hoje procuro por  
expressões de arte decoloniais,  
políticas, que repensem sistemas  
não igualitários de conduta e  
valorize povos diversos dentro das  
artes, é porque minha base vaza  
pros lados; é nortenha é  
nordestina; trago poeira da terra  
queimada e a fumaça. Ah, sequidão  
sequidão pojuda malhada craíba,  
juazeiro torto, moxotó velado. É  
porque parto de corpo mestiço;  
preto branco

como meus pais  
ellis

dar conselhos a  
completos desconhecidos  
se espreguiçar  
esticando todo o corpo

poeira de cordel  
encantado

indígena; e entendo de alguns  
poucos dos desafortúnios  
crescidos em história de gente  
boa do coração mole de aberto  
dos dentes tortos de sorri  
grandes larguras pelas beiras  
das casas de sapé solitárias  
em meio à terreno árido; seco.  
É se encontra no serão de Rosa  
passarinho que se debruça, o  
vôo tá pronto.

graxa  
no  
couro  
da mão

como  
nossos  
pais

# interior do brasil

Apaixono-me perdidamente  
por palavras que dão  
contornos naquela vivência  
eterna que cantou xangai do  
jacarandá, por cantorias  
desafroxadas, por tudo que  
sambe na hora certa de se  
aquietar. Apaixono-me  
perdidamente pelas rotinas  
do interior do Brasil,  
daquelas dos que depois de  
almoçar vai pra rede se  
deitar, daquelas de comer  
galinhada sujando de graxa o  
couro da mão, daquela de  
falar coisa bruta a  
canalhada andar de perna  
arriada falar palavra que  
fora do sertão não se  
entende; qualquer canto é  
menor do que a vida de  
qualquer pessoa. Apaixono-  
me por gente do

Brasil. Apaixonono-me perdidamente por sinais de bem, desejos vitais, pequenos fragmentos de luz. Falar da cor dos temporais de céu azul das flores de abril, pensar além do bem e do mal, lembrar de coisas que ninguém viu, por quem sente bonitezas em ociosidade de sentar na frente da calçada de casa no fim de tarde pra bater papo com a vizinha de canto ou do lado oposto da rua e que corre pra ver o trem apitando quando o sol se baixa por trás da serra.

quem sabe  
isso não quer  
dizer amor?

cheiro de chuva  
cheiro de grama recém cortada  
falar mais de boca cheia

das duas primeiras  
palavras iniciais  
do parágrafo

coração de  
estudante, há  
de se cuidar da  
vida, há de se  
cuidar do  
mundo, tomar  
conta da  
amizade,  
alegria e  
muitos sonhos  
espalhados no  
caminho. Verdes  
planta e  
sentimento,  
folhas,  
coração,  
juventude e fé.

trago  
poeira  
da  
terra  
queimada



queria  
te  
fazer  
um  
convite  
pra  
balbuciar  
coisas  
loucas

••

Gostaria de te contar, mas admito que queria que você chegasse mais pertinho pra deixar cabeça no meu colo, quem sabe ombro, ou talvez até dividir um cafezinho preto ou chá pra diminuir distâncias.

Gostaria de te cochichar, narrar, relatar, balbuciar coisas loucas sobre, pra início de conversa, distâncias de terra, distâncias longas, que por tanto tempo se intercalam, trocam entre si: trocam amores, trocam

## carinhos,

trocam corpos quedâncias muros guerras e brutalhamentos. A maior parte das nações que foram colonizadas formaram-se em torno de uma ideia de poder violento, controlador, que se estende apenas em uma direção contrária à trocas mais solidárias com o outro. Li em Miguel que esses territórios estaduais devem zelar pelas suas vantagens geográficas para própria segurança dele mesmo já que as trocas com seus vizinhos são de

veio das aulas de  
política  
na faculdade com o  
argentino  
Jacques Novion;  
dicionário  
latinoamericano de  
Miguel Ángel

mói de importância para o seu desenvolvimento. Taí palavra  
revirante de olho só do encontro: desenvolvimento; des de negação  
de envolvimento.

A tal geografia  
política é a  
interrelação de  
terras, gentes que as  
ocupam e essas coisas  
de organização  
política dos Estados;  
as relações que  
tecemos, as visões que  
construímos, a cultura  
sobressalente pêlos  
poros. Manter uma  
unidade geopolítica,  
etnopolítica e  
econômico-política  
mantém a

# respinga

mantém a segurança de  
abastecimento,  
importando-se  
recursos vizinhos,  
procurando espécie de  
"crescimento". Me  
aproxegando do Brasil,  
quero te contar sobre  
histórias que  
trilhamos pós período  
colonial em companhia  
dos países da América,  
seus afastamentos e  
proximidades.

Três foram os eventos que ainda respingam-nos: a Revolução  
Industrial em 1760, a Independência dos Estados Unidos em 1776 e a  
Revolução Francesa em 1789; passos para a primeira etapa de  
implantação do capitalismo-

industrial. Junto a  
ela, a alternância de  
forças sociais, as  
perdas de controle  
colonial europeu sobre  
a política mundial e os  
primeiros passos para a  
consolidação dos EUA  
como uma potência  
econômico-industrial e  
hegemônica na América,  
o que traria alguns  
novos futuros às  
relações do Brasil com  
seu próprio  
território, povo e  
cultura; o que nos toca  
tange esbarra tromba  
contra o corpo.

cheguei mais perto  
pra enxergar

circular  
todas as  
pintas  
do  
próprio  
corpo  
e do de  
outra  
pessoa  
passar óleo no  
corpo todo e  
sentar nu em  
superfície lisa  
sentir as mãos aquecendo  
aos poucos por vaivem  
constante uma n'outra

Como primeira colônia a se tornar independente, os tais territórios unidos foram exemplo aos países ainda coloniais que desejavam emancipação. Porém, pelo contrário, dentro da América tentava se impor com medidas de interessamentos próprio: como aquelas políticas de doutrina monroe, reservando América aos eua, ou o destino manifesto onde criam mentirinhas sobre o território americano ser tal de providência divina para os estados unidos apenas. Iapois, o país

se coloca do mundo como detentor do direito de intervir em qualquer território que considere estar colocando a vida ou propriedade em risco; "defensores da liberdade" que tanto restringiam aos de tons de pele não brancos; criando conflito por tudo que lhe ameaçasse esses interessamentos.

frear  
violentamente

estribado  
é rico


subversão

colocar  
em risco

se coloca  
ao mundo

Ao longo dos anos as relações entre eua e o resto da América se resumiu em algumas políticas de integração entre tais países, porém, geralmente o que acontecia era uma subversão, compra ou ameaça para as decisões afirmarem e reafirmarem sempre os desejos do país que carregava nos ombros a maior quantidade de poder. Dentro da América, inclusive, muitas das independências foram financiadas pelos eua, enquanto também apoiava regimes ditatoriais que poderiam frear violentamente o avanço de ideologias socialistas; estribados, beneficiam-se impondo relações econômicas e políticas sobre os Estados.

Esses homens! Todos puxavam o mundo para si, para consertar consertado, mas cada um só vê e entende as coisas dum seu modo.



te convido a  
me encontrar  
na página 17  
do sertão de rosa

# morar dentro

Na Guerra Fria [1945 -1991] conflito marcado pela bipolaridade mundial entre dois países e seus respectivos sistemas econômicos: EUA [capitalista] e URSS [socialista]; passamos por época de controle extremo dos EUA com os países americanos contando com segurança militar e policial em cima de qualquer decisão. Derrubavam o Estado quando acreditavam ser comunista e implantavam ditaduras, articulando em conjunto com seus respectivos líderes formas de perseguir, torturar e matar oficialmente pela Rede de Operações Condor militantes políticos cujos objetivos comuns era a luta pela democracia - muitos desses militantes, artistas. E de guerra em paz e paz em guerra todo povo dessa terra quando pode cantar, canta de dor.

Agora longas distâncias de terras, entre territórios montanhosos e outros planos, secos e úmidos, litorâneos e interioranos; vivemos sobre a política de integração Neoliberal entre os países da América.

*canto das três  
raças de Clara*

de fábula

# A REDE CONDOR

*digitar no  
quadrado  
de busca  
do youtube*



página 97  
de veredas

o espírito

"Senhor atira bem, porque  
atira com espírito. Sempre  
espírito é que acerta..."

é quem

Diante que dissesse: sempre  
espírito é que mata...

mata

chega  
mais  
perto  
O estado continental industrial,  
presente na política neoliberal,  
articula um núcleo duro com poder  
intangível: a cultura. A mesma move e  
dinamiza ideias, permitindo que o  
poder só perdue se mobilizado por  
ela, assim sendo, no século XIX, a  
soberania passa a ser resultado de um  
comportamento de vivência vivida, de  
capacidade operativa.

que  
ria

Queria te contar que todo ser só o é partes  
pela cultura que o cria, ela é um conjunto  
de mecanismos de controle de  
comportamentos e cada uma traça suas  
trilhas de acordo com suas próprias  
contações e vividez de histórias. Cultura  
é produção, circulação e consumo de  
simbologias diante da vida social; como  
conjunto significados partilhados,  
regras de relações e modos de agir;  
processos de aprendizados, modos de ver o  
mundo, ordens de moral e valores  
construídas; comportamentos sociais e  
postura. É música poema poesia, é língua  
solta presa, é forma de andar, é corpo  
preso pra dançar, é rir de brincadeira.

te  
chega  
contar  
mais  
perto  
que

Porém, tanto a cultura como a arte, por fazerem parte das relações sociais contemporâneas, estão sujeitas as pressões geopolíticas e econômicas de um mundo marcado pelo imperialismo. Portanto, intimamente ligadas ao controle estratégico estadunidense e tudo que dele vem.

molhar o rosto e, com olho semi cerrado, olhar pro sol e ver surgir pequenos arco-íris nas pontas dos cílios

matança de xangai, na voz de mainha, virava música de ninar

Cipó Caboclo tá subindo na virola chegou a hora do Pinheiro balançar, sentir o cheiro do mato, da Imburana, descansar, morrer de sono na sombra da Barriguda. De nada vale tanto esforço do meu canto pra nosso espanto tanta mata haja vão matar: tal Mata Atlântica e a próxima Amazônica; arvoredos seculares impossível replantar. Que triste sina teve o Cedro, nosso primo desde de menino que eu nem gosto de falar, depois de tanto sofrimento seu destino virou tamborete, mesa, cadeira, balcão de bar. Quem por acaso ouviu falar da Sucupira, parece até mentira que o Jacarandá antes de virar poltrona, porta, armário, mora no dicionário, vida eterna, milenar. Quem hoje é vivo corre perigo e os inimigos do verde dá

sombra ao ar que se respira e a  
clorofila das matas virgens  
destruídas vão lembrar que quando  
chegar a hora, é certo que não demora  
não chame Nossa Senhora, só quem pode  
nos salvar é: Caviúna, Cerejeira,  
Baraúna, Imbuia, Pau-d'arco,  
Solva, Juazeiro e Jatobá. Gonçalo-  
Alves, Paraíba, Itaúba, Louro, Ipê,  
Paracaúba, Peroba, Massaranduba,  
Carvalho, Mogno, Canela,  
Imbuzeiro, Catuaba, Janaúba, Aroeira,  
Araribá, Pau-Ferro, Angico, Amargoso,  
Gameleira, Andiroba, Copaíba, Pau-  
Brasil, Jequitibá.

*ficava imaginando  
o que era dormir  
em sombra  
da barriguda*

Inegável que um Estado para melhor no  
mundo caminhar e adentrar pelo próprio  
território, é importante entender o que  
mora dentro das gentes, compreender o  
que a cultura levanta para melhoria das  
tais relações entre as terras vizinhas  
que se colocam no globo. Porém, para um  
país antes colônia; sem arbítrio de  
implantar políticas que pensassem seu  
próprio território e que, agora em um  
novo sistema econômico, persiste  
valorizando e dando vazão aos  
interesses de

outro que não nossos; o  
Brasil nem ao certo  
entende tamanha  
potencialidade que mora  
debaixo da terra e pulsa.  
Não há politicidades  
brasileiras que atendam as  
necessidades reais desse  
extenso território;  
múltiplo de povos, rico de  
pluralidade ambiental;  
que pretere responder uma  
lógica estrutural social e  
econômica fraca, vazia,  
desguarnecida,  
desabitada, vazada,  
carente, faltante,  
ausente, privada, oca,  
baldada, vã.

*tambores do  
vento  
que vem*



na  
sombra  
da  
barriguda

eu vou voltar, caraíba,  
mãe vou simhora carcará.  
eu vou voltar caraíba,  
mãe vou simhora carcará.  
eu vou voltar, caraíba  
mãe vou simhora. eu vou  
voltar.

Quero te contar ainda que  
parece ser impossível uma  
unidade política  
américo-latina sem uma  
integração total da  
América do Sul, e para  
isso, precisamos de uma

sudamericanização dos conteúdos educativos, uma unificação conceitual que pise no solo de nossa terra, para mobilizar a cultura e começar a então ser sujeitos e coroda nossa história.

Afinal, a libertação não é atitude mental e sim histórica, criada pelas condições históricas e culturais. Vestir corpo latino é buscar dentro dela novos espaços de condutas e falas afetivas, é não habitar esquinas imperialistas.

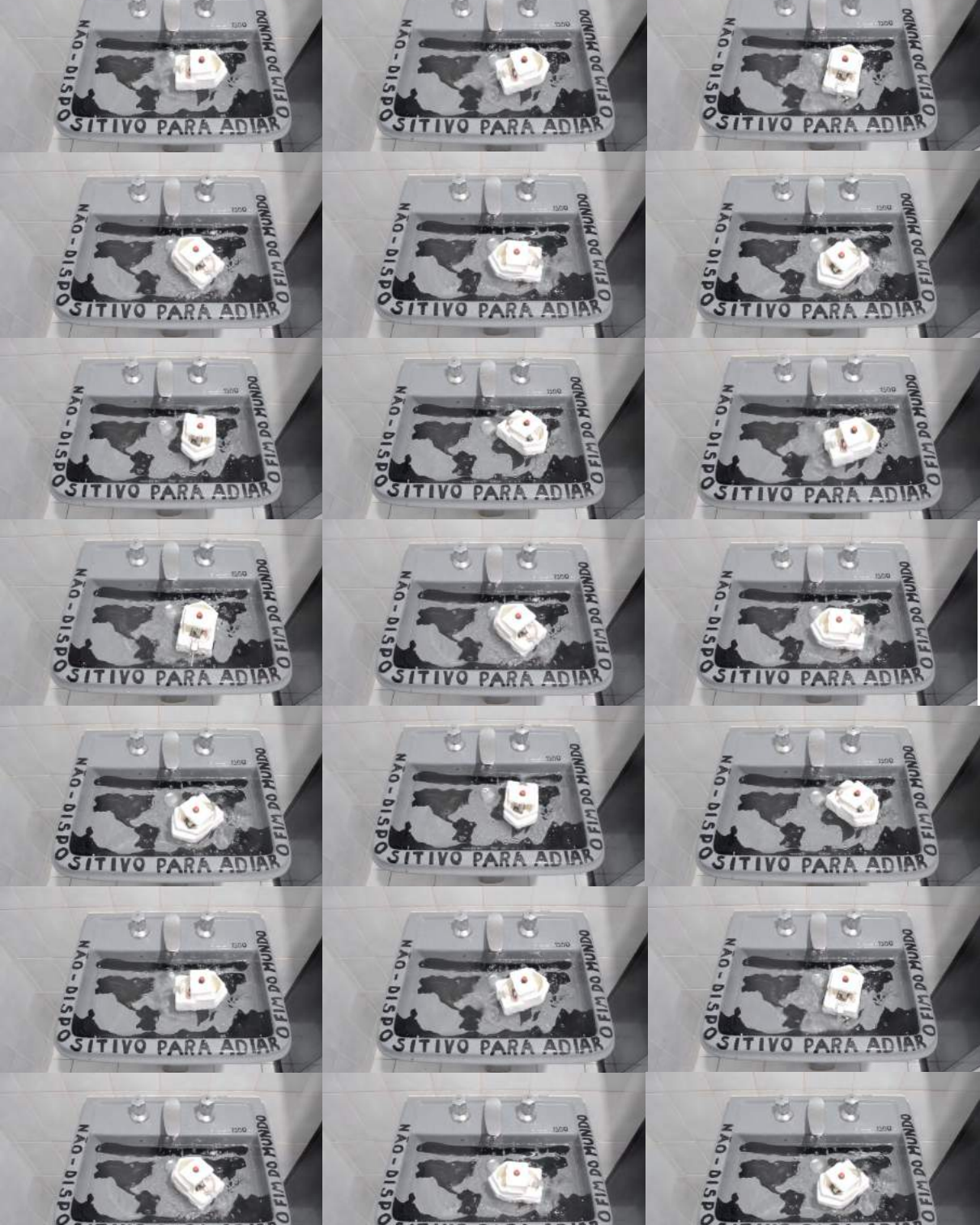
"Tem que acabar com essa história de achar que cultura é uma coisa extraordinária. Cultura é ordinária, cultura é o feijão com arroz, é necessidade básica, tem que tá na mesa, tem que tá na cesta básica de todo mundo. E para isso é preciso que haja sim ainda uma conscientização muito grande porque muitos governantes acham que cultura é uma coisa excepcional. A responsabilidade com a cultura é a responsabilidade com sua própria vida porque tudo é cultura, toda acumulação de um povo, toda acumulação de realizações múltiplas de um povo, tudo isso é cultura. Tanto é que a

minha  
vó  
sempr  
e que  
fazia  
galin  
hada  
guar  
dava  
os  
ovinh  
os de  
dentr  
o da  
galin  
ha  
pra  
mim,  
pro  
meu  
vô  
não  
pegar  
. e eu  
amava  
o  
cheir  
o da  
galin  
hada  
dela.

gente fala da cultura política,  
fala da cultura científica,  
religiosa; tudo é cultura. O  
papel do Brasil é dizer está na  
moda, eu estou na moda e comigo  
está na moda o mundo inteiro,  
toda a humanidade. O papel do  
Brasil é da fraternidade  
universal, nós não viemos aqui  
ser potência hegemônica; nós não  
viemos ao mundo para ser  
potência hegemônica de nada.  
Somos potência solidária com  
potencial de todos, de todas as  
nações. "

fala de gil quando  
era ministro da cultura  
do governo Lula.

cultura  
é feijão  
com arroz





não-  
dispositivo  
para adiar o  
fim do mundo

Dispositivo como conjunto de instituições, projetos de subjetivação, regras que atuam e concretizam as relações de poder.

Orienta, determina, intercepta, modela, controla, assegura gestos, propaga atitudes de soberania; colonialismo. Mantém a ordem dos seres sociais como corpos inertes por meio de processos de dessubjetivação, é máquina que trabalha para o governo.

Não-dispositivo, portanto é aquilo que nega tal postura, a negação navegando para ir contra a ideia de colonizar, contra a ida, contra as marés. Crio um objeto que move-se apenas ao redor de si mesmo através de um sistema elétrico fechado: motor, bateria e botão vermelho. É embarcação de isopor catado em rua que, sobre pia com mapa de 1500, persiste dando voltas em si mesma como quase um efeito descarga ou até volta no tempo. A embarcação que sai da Europa e se direciona ao Brasil, não sai do mesmo lugar, não cruza terra, não cruza água,

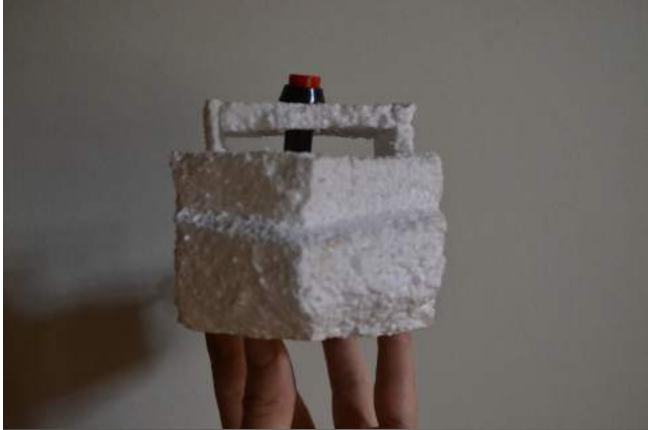
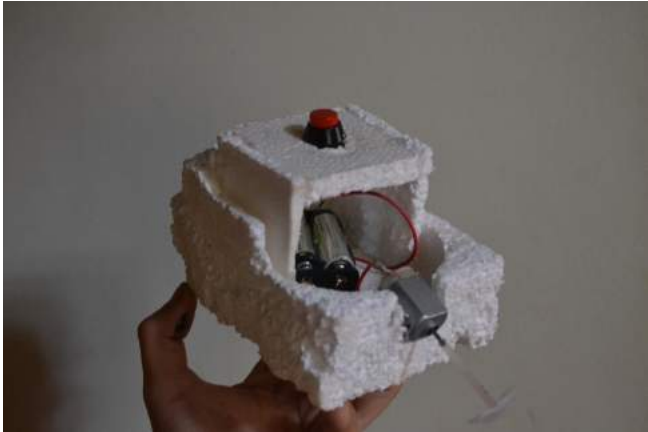
não  
chame

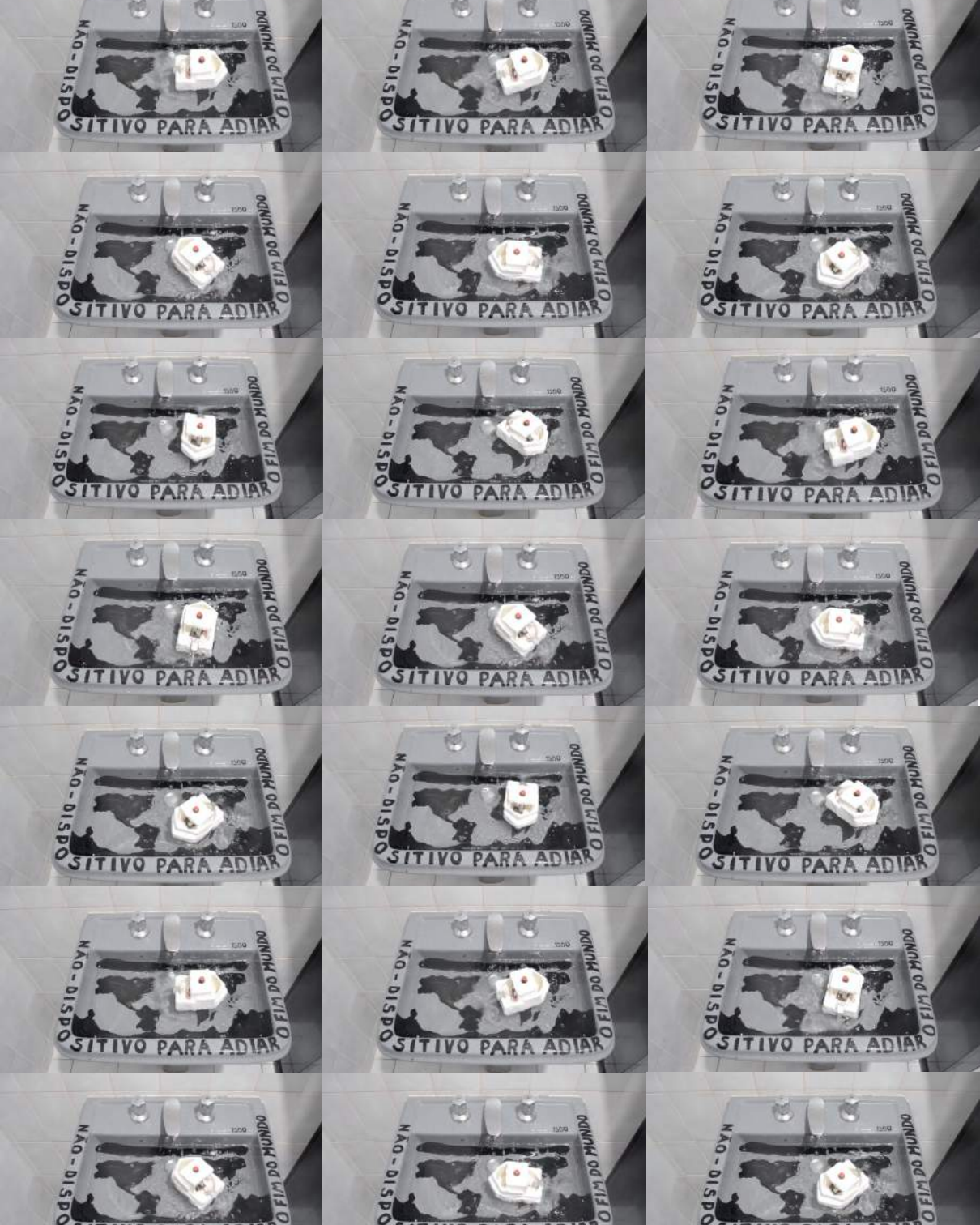
σιοϋαs

só persiste na intenção,  
agora impossível, de um  
massacre colonizatório.  
Talvez uma embarcação outra  
logo se reencaminhasse a tal  
destino, mas diante dessa  
ficção, como seria então  
Pindorama; Pachamama?

nosso

Uso de materiais sobrantes, catados,  
sobramentos, um inventivo de aproveitamento  
das sobras ou do que estivesse mais à mão, o  
avesso do miserável da sociedade da  
opulência e do desperdício. Isopor,  
petróleo, plástico, bateria, circuito  
elétrico. Minha pia virou oceano, minhas  
mãos abrem águas longínquas, águas  
oceânicas; abre profundezas. Transportar-  
se no tempo, localizar-se em cartografia de  
1500; terras que mudam suas fronteiras e  
aumentam seus limites, cenários fictícios  
que contam novas histórias de  
possibilidades secretas.















# engodo

...

# é isca

Falar de política e todo esse engodo é se situar não só sobre as formas de te ver, mas também chegar mais perto, te tocar e cochichar de rosados lábios coisas de lugares poucos que meu corpo estiver podendo ocupar; e é podendo de poder mesmo. Talvez o que eu esteja te contando encontro também pelas páginas de tese de Erinaldo quando relacionava o currículo das escolas aos interesses políticos e econômicos hegemônicos, no sentido de que a formação do indivíduo é ligada as relações de poder de cada ponto cruz de história.

Dessa forma grupos hegemônicos com traje à rigor; blusa social branca com dobradinho na ponta segurado por minúsculo botão redondo e terno preto com ombro noventa graus; controlam a formação de futuros agentes sociais de acordo com suas formas de ver/entender e em benefício das mesmas para manutenção de seus padrões de

# pra

# atrair

# peixe

vida. É por via da herança cultural, vinda do saber educacional, que o cidadão torna-se capaz de se empoderar de padrões cognitivos e formativos, podendo participar tanto ativa como inativamente dos destinos de sua sociedade e na sua transformação, dependendo da forma que é criado-uro.

noite severina  
de Queiroga

## toda lembrança

Tenho três vós Marias. Já tive mais, todas nordestinas, mulheres bravas? Sim, senhor, tão certo e justo e só te sendo. Minha vó Maria das Neves sempre me dizia que eu trilhava o caminho de agora porque outras mulheres já haviam caminhado por ruas mais tortuosas, por climas mais áridos, por terrenos mais arenosos; muita gente sofreu antes pr'eu tá aqui finalmente. Maria nunca leu um livro, na verdade Maria só aprendeu a ler pra acompanhar a bíblia, fazer listinha de supermercado, ler bula de remédio; era o que ela me contava enquanto varria instantaneamente folha seca que acabara de cair em sua varanda. Maria deixou tudo em Campina Grande e veio com uma pá de filho

adentrando o Brasil de carroça apoi na época Chico, meu vô, era marceneiro, e eles vinham buscar ditado de vida melhor que demorou a aproximar. Foram sete cidades e algumas Chico passava meses sem dar notícias prá bandas de Manaus e São Paulo. Tinha nem ao certo como se dar notícias naquela época, então eram dias sem dinheiro, dias de duas bolachas creme craker para cada um de seus seis filhos.

## é forma de encontro

Os seis filhos de Maria já rodaram poeira na saia da barra, já moraram em supermercado abandonado, dormiram em chão frio, apanharam de cinto e de mão pesada, viram vizinho matar o outro por vidro de janela quebrada, onça solta em cidade de interior, apanharam e fugiram mas no domingo iam à igreja pra rezar.

Maria nunca teve tempo para estudar, pra buscar um curso, um hobby, uma área de interesse seu. Dale, Maria nem sabe o que diabé hobby; ela nunca teve tempo de ir num museu, ver exposição, ver peça de teatro, ler

passar argila no  
rosto  
e sentir secar cada  
uma das partes pelo  
endurecer dos  
movimentos  
da pele

tentar conhecer uma  
sala apenas pelo  
olhar no buraco da  
fechadura

as vezes quando olho no  
espelho, vejo Maria

beijar na boca

sobre arte, ler sobre política, entender  
sobre relações de poder, mas vota em Lula  
até hoje. Maria cuidava de menino danado,  
catarrento, com joelho aberto de sangue  
correndo; batia em menino levado,  
limpava casa, fazia comida quando tinha,  
e de noite, quando já tinha televisão na  
sala de azulejos rosa claro, Maria não  
perdia sua novela. Maria nunca teve tempo  
de ir numa livraria e ver os livros nos  
quais poderia ter interesse, isso nunca  
nem passou pela cabeça de Maria. Maria  
foi forte, e ainda é mulher forte, ia  
atrás de Chico quando ele tava bêbado no  
mercado da esquina e sempre levava nas  
mãos seus seis filhos e Chico nunca  
levantou a mão para Maria porque ela era  
mulher brava. Ela não se arrependeu por  
traçar tais caminhos porque não teve  
tempo para tipo de coisa, mas no fim do  
dia reza o terço todinho. Maria se casou  
com Chico por arranjo da família, era  
nova, disso hoje ela fala com desgosto,  
mas na época Maria não tinha escolha  
então nem sequer se conferiu sobre. Agora  
pensando, não lembro de ter ouvido ela me  
falar de seus grandes sonhos, mas lembro  
dela falando do trabalho que dava para  
fazer

varrendo  
poeira

comida para uma família inteira no natal; não lembro de ter ouvido ela me falar de seus sentimentos de amor, mas lembro dela varrendo poeira de manhã no quintal. Vi Maria perder totalmente sua mobilidade, dos pés às mãos, mas nunca vi Maria escrever poema. Será que Maria já tentou escrever poema? Será que Maria pode querer tentar escrever coisas além de listas infindáveis de produtos do mercado?

nó em cadarço  
desamarrado  
Maria  
escrever poema  
sobre  
amor

Tapois, quando Ranciére conta histórias de partilhas do sensível é sobre Marias, sobre os mói de modos sensíveis de catar coisa no ar na relação entre o comum compartilhado e cada uma de suas partes que compõe jeito de ser. O particular de cada caminho, cada percurso traçado ou nó em cadarço desamarrado, ou chiclete

modo sensível  
de catar coisa  
comum  
compartilhado  
jeito de ser

quem escreve  
sobre maria  
hoje, sou eu

mastigado jogado fora em asfalto quente porque vira concreto. Mas também o que é comum; uma cota de espaços, tempos e ações de cada um, como cada um pode e tem condições de tomar parte nessa grande partilha. De certo que diversas partilhas se bulem entre si nuns enganchados a todo tempo dentro do nosso corpo social, sendo que algumas delas pertencem a alguns grupos e outras, as vezes estrategicamente, a outros. A cultura predispõe-nos a focar e entender as coisas de maneira seletiva de acordo com as áreas de interesse em que nos localizamos socialmente e com as relações de autoridade que as transpassam - criadouro de corpos domesticados.

Aqui cato o que me veio de lembrança de canto de mente quando li sobre partilha. Tenho família nordestina e a gente se acabava num forró. Era uma munganga só; lembro de ver apaixonadamente minha tia mover seu quadril que ia se rebolando até se encaixar perfeitamente no balanço do forró de meu tio, que junto à música rodava minha tia de forma intercalada ao vai-vem dos quatro pés que se

esfolar  
joelho  
em terra  
quente  
dormir os  
olhos  
quando já  
doendo de  
cansados  
balançar em  
balanço  
de corda

cruzavam, entre-  
cruzaram e descruzavam.

Sua saia e cabelo  
amarrado que  
zigzagueavam na mesma  
direção das batidas da  
música e aquela cena me  
trazia alegria imensa.  
Nem precisava ser junho  
pra gente comer milho  
com manteiga de  
garrafa, pamonha doce e  
canjica. Daí quando  
cheguei no centro do  
Brasil, tem que se  
tardar, esperar até  
junho pra ver o forró se  
acabando no pé do povo e  
às vezes nem se acaba  
não.

o pensar  
do solo  
seco

A arte bule com a vida,  
então, quero te contar  
que quando a geopolítica  
e os interesses sociais  
mudam, as representações  
visuais também mudam.

Historicamente as  
representações de corpos  
nas produções de arte  
permitidas seguiram  
padrões da elite  
soberana branca, o que  
levava não só à uma  
representação infiel de  
particulares grupos  
étnicos outros como  
também a construção  
racista e violenta das  
formas de perceber e

pé  
plantado  
no nordeste



entender tais grupos para justificar dominação. Nisso, as instituições de arte corroboram para perpetuação de certas visualidades em detrimento de outras e muitas dessas representações históricas criaram pressupostos sobre as origens que contam histórias subsequentes mais amplas, ou seja imagens contadoras de histórias nossas de criadouro de gerações. Assisti um curso de arte, ação e pensamentos anticoloniais dado pela incrível Rosana Paulino que acredito que deva ser puxado agora da minha coleção de notas. Rosana toca de maneira admirável e muito consciente no ponto do poder da imagem e como as mesmas contribuem para criar e desenvolver ideias.

# histórias que nos contam

## branquiças

As histórias que nos contam, contações branquiçadas, partem de vozes poucas que insistem violentamente em falar por muitas, roubar espaços de corpos pretos, brancos e indígenas que na época da colonização eram retratados por figuras animais para provar sua inferioridade e justificar a sua

subalternidade. Com a descoberta da América, a Europa passa a ezotizar o território e o povo africano com suas riquezas territoriais, jóias, esmeraldas, entre outros, fazendo representações de corpos negros oferecendo-as de bom grado aos colonizadores. Imagens científicas reduziam cérebros de corpos negros, eram divulgadas de maneira oficial comparando os crânios aos de macacos; figurava-os com corpos fortes e pomposos, construindo uma imagem social de um corpo submisso e de boa mão-de-obra. Não havia um interesse de expor culturas outras, mas romantizar e tornar leviano o genocídio cultural e étnico vindo com o catequismo e com o sistema escravista.


a primeira vez  
que um homem  
branco observou  
um homem  
negro

1903... A primeira vez que um homem branco observou um homem negro. Não como um animal agressivo, ou força braçal desprovida de inteligência. Dessa vez percebe-se o talento, a criatividade, a música. O mundo branco nunca havia sentido algo como o Blues. Um negro, um violão e um canivete, nasce na luta pela vida,

1903

# um negro um violão e um canivete

nasce forte, nasce pungente  
pela real necessidade de  
existir. O que é ser blues  
man? É ser o inverso do que  
os outros acreditam, do que  
os outros pensam. É ser  
contra corrente, ser sua  
própria força, sua própria  
raiz. É saber que nunca  
fomos uma reprodução  
automática da imagem  
submissa que foi criada por  
eles. Foda-se a imagem que  
vocês criaram! Não sou  
legível, não sou  
entendível, sou meu próprio  
Deus, meu próprio Santo, meu  
próprio poeta. Me olhe como  
uma tela preta de um único  
pintor, só eu posso fazer  
minha arte, só eu posso me  
descrever. Vocês não têm  
esse direito! Não sou  
obrigado a ser o que vocês  
esperam, somos muito mais.  
Se você não se enquadram ao  
que esperam, você é Blues  
Man.”



BB King:  
minuto 1:46  
ao 3:19

nascer pungente  
pela real  
necessidade de  
existir

Por mais, muitas  
civilizações antigas são  
interpretadas e ensinadas  
como sendo  
majoritariamente  
brancas, como Grécia e  
Roma, projetando o  
sujeito ocidental branco  
como estado primal da  
história cultural, que,  
mais à frente, é entendido  
como estágio primal da  
história individual.


Zulu, Negra Maluca,  
Lamparina, Maria  
Fumaça, Saci Pererê  
e o Pica-Pau, Peri  
de José Alencar,  
Macuinaíma.

No momento em que o “outro”  
passa a não ser desenvolvido e  
construído dentro do  
inconsciente, as noções de  
alteridade passam a priorizar o  
“eu” e colocar o outro sempre em  
contraponto ao mesmo; um  
interesse individualista e  
conservador, no sentido de  
manutenção de padrões  
econômicos, de herança de  
capitalismo.

aprender uma  
nova língua  
e depois,  
desaprender

# espelho, espelho meu

A partir de 1893 nos Estados Unidos, com a black music e o fortalecimento do movimento negro, muitos corpos pretos começaram a ocupar espaços na cultura, enquanto o Brasil permanece um pouco isolado desse movimento. Aqui os corpos negros ainda perdiam seus detalhes nas paisagens das pinturas, ainda repetindo a imagética da inferioridade, corpos indígenas eram romantizados; satisfeitos e convertidos. Nesses movimentos de recepção externa e reprodução interna, ocorre a criação de imagéticas brasileiras e imaginários locais forçados vindo de fora a dentro; hora europa agora jeito de vida americano em inglês.



quadro a redenção de cam de Modesto Brocos em 1865 é utilizado como prova de que o Brasil estava dentro da política de embranquecimento como um plano Estatal

# quem mente mais que eu

O nosso imaginário latino é  
o conhecimento histórico  
quando integra a oposição ao  
contrapor a narrativa dos  
castelos e príncipes à vida  
das massas, dos mudos. As  
histórias cochichadas por  
entre as paredes de museus  
são universais em cima de um  
contínuo histórico que  
busca romantizar  
acontecimentos para torná-  
los mastigáveis. Daí,  
quando entramos no século  
XXI, de novo os museus  
passam a institucionalizar  
a alienação social por entre  
mentirinhas, persistindo  
num sistema histórico da  
anulação do outro. Em  
Tarsila uma população negra  
exótica vinda da natureza,  
em Portinari o negro  
trabalhador; a população  
negra que sequer na época  
tinha seus direitos, já  
agora capitalizados como  
símbolos nacionais infiéis  
do negro forte que trabalha  
na terra.

espalhar o  
vermelho do  
urucum sobre o  
corpo inteiro  
confundir  
corpo  
em meio a  
terra  
vermelha  
camuflar no que  
já é o mesmo

# abrir corpo

Aisthesis: da faculdade  
de sentir, perceber pelos  
sentidos. Estética vem de  
aisthesis, estesia.

catado em  
Eugênia

Perceber, afinal, abrir corpo ao mundo. A  
estética, território da arte,  
historicamente foi e é criadouro de  
reprodução colonial; criadouro de ideias,  
concepções e formas de ver que não parecem  
ter contexto aleatório, ao contrário,  
traem-se em ideias dominantes.

É apenas na arte contemporânea que vê-se a  
história do país se repensando a partir da  
própria produção; vê-se a possibilidade de  
criações de novas estéticas. A  
reprodutibilidade dos trabalhos de arte,  
vindo acompanhado

pro mundo



pela fotografia, muda formas tradicionais de autenticidade da obra e transforma consigo toda função social da arte. Agora, em lugar de fundar-se em rituais religiosos, passa a plantar seus pés sobre a política. Ocorre então a danada e potente entrada de corpos negros, amarelos, pardos e indígenas na arte. Agora vemos corpos plurais produzindo, dançando, se amando; práticas que sempre foram parte de seu corpo cultural só agora nos chega, arrebatada, criadouro de novas visualidades do outro e de nós mesmos, latinos. Vemos então a esses tantos corpos de grandeza imprescindível para uma mudança de consciência acerca de nossa cultura, de nosso território e de toda sua energia pulsante, sendo a arte modos de fazer que intervêm em maneiras de fazer e nas relações das mesmas com formas de ser e de visualidade - ser visto e formas de ver.

# estesia

Sejam bem-vindos, estamos montados então em cima da virada etnográfica, vendo toda potência que por ela nos extasia. A virada etnográfica busca formas de envolver o outro, de buscar trabalhar a expressão do mesmo e suas formas de percepção por meio de um trabalho de campo que compartilha de partes teóricas e práticas, que envolve o contexto que se pisa os pés, as trocas sociais que nele ocorrem e a interdisciplinaridade de outras áreas com nós atados aos estudos culturais e novo historicismo. Aqui é o momento em que a arte passa seu mindinho do pé para o lado de lá dos limites da academia, gosta do que pisa, sente sua textura, e continua até quase adentrar corpo todo; sujar-se de lama por toda extensão corporal, se estender ao sol e sentir cada parte da pele secar nesse encontro de epiderme-corpo-terra.

rir sozinho  
lembrando de  
coisa boa  
hoje as dez da  
noite abre sua  
janela preferida  
de casa  
procura lá fora  
uma surpresa  
olhar pro  
horizonte e  
chegar o mais  
longe possível

Porém, arte sendo refletor de realidade, leva consigo num agarrado estruturas da cultura contemporâneas e, num arrastado, também as trocas de poder. Apesar de ser aqui que a arte burguesa passa a refletir sua sociedade quando então se aproxima mais pertinho à habitar a vida, ainda se vê esforços burocratas, empresariais e capitalistas em cima de uma arte cuja utilidade seja mercantil e elitista. Há uma camada de artistas empreendedores que trabalham para uma classe de colecionadores ricos que se garantem pelo valor de revenda das obras, e, que através das mesmas, satisfazem seus desejos românticos; um clássico altamente ambientável; e aos museus, galerias, curadoria, críticos e mídia resta atentar-se a tais gostos. Apesar disso, da pra arte ser também campo florido para se espiá para além do sistema produtivo, se entender ser que se balda de fluxos de vida sensíveis.

A arte arroteia a todo tempo manobras de dominação e emancipação, tendo a potencialidade de ação criadora e crítica acerca de mói de mecanismos de controle social, germinando ações de mudança e transformação. A condição de classe que não se escancara ao trabalhador, não oferece perigo ao opressor, apesar da submissão só se perpetuar pela carência de confiança na mudança: então, novas ficções. O regime sensível é lugar que arte, vida, estética e política se confundem, se trocam buliçosos perdendo fronteiras; daí então a política e a arte, como num baião de dois, constroem ficções, rearranjam e arranjam materiais, imagens, visualidades e significantes, criam relações de ver, dizer, fazer e poder; podendo de tão estribados, reconfigurar mapas á flor da pele.

icá é formiga de asa que aparece depois da chuva

ontem meu pai me contou que no Ingá ele comia tanajura assada.

O termo "ambiguidades perceptivas" conta sobre histórias de ser criadouro de novas formas de perceber, cada uma com seus respectivos horizontes, limites e fronteiras, e possibilitar a

concepção ficcional de  
novas dinâmicas de  
troca e vivência.  
Destarte, para se  
deixar um cenário  
brasileiro de  
subalternidade e  
ausência de  
empoderamento do nosso  
território e ir no  
sentido de uma  
compreensão múltipla e  
altera do mesmo, é  
precioso uma revisão  
anti-colonial, crítica  
e política da forma como  
nossos sujeitos  
culturais se colocam; e  
as artes, como um ponto  
de vivência cultural na  
formação do sujeito,  
deve repensar as formas  
as quais se colocam na  
história e como  
perpetuam ideias  
para criação de  
visualidades coloniais  
e subjetivações  
maquinárias acerca de  
nossos próprios grupos  
sociais.

f  
r  
o  
c  
a  
f  
r  
o  
c  
a

PARD0

carimbo identificação sistemática de corpos: sinalizar, marcar, nomear como algo ou alguém deve ser visto. Povo Ianomami pra eles, números pendurados em crachá. Corpos que não se encaixam, que desviam, eram assim normalizados, enquadrados na regra, embranquecidos. Marca que valida o conteúdo de algo, sinal feito a fogo em réis para identificar dono de gado; e ainda antes, era nos povos feitos escravos, era dominação física cultural mental; controle propriedade. Ser mestiço de cor parda, Brasil, estar no meio do

caminho;  
desindentificação por  
apagamento cultural.  
Iapois digo logo pra fim  
de contas,  
branqueamento,  
exterminio de povos,  
gentes, grupos étnicos,  
exterminio de coração  
batendo, de sangue  
pulsando na veia.  
Estratégias  
supremacistas brancas,  
domínio. Agora a herança  
do que veio antes corre  
hoje em nossos corpos.

**PARDOS**

Fiquei quatro horas estendida com corpo ao sol; bunda pro sol, peito pra terra. Assim fiquei... às vezes perto da terra ouvia o barulho de asa de grilo batendo, de grama arrastando uma n'outra com o passar do tempo, sombra que mudava de lugar às vezes atingindo partes do meu corpo, esfriando-o. Fiquei quatro horas ali, bunda queimando ao sol, ardendo, deixando a cor branca pra caramelada pra marronzada para habitar cor vermelha. Fiquei quatro horas esticada, corpo reto

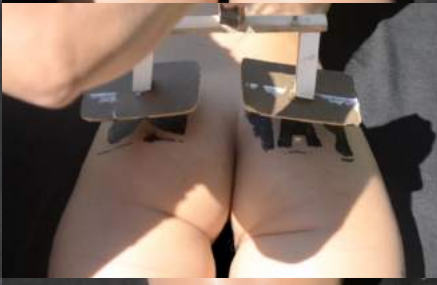


no chão, no pano preto que ficava sobre a grama. Ficava repensando a ação: mão branca vinha e carimbava minhas nádegas com carimbunda criado por mim, por entre catações. A mão deixa a marca, demarca a pele parda com pardo, e lá deixa corpo, queimando ao sol. Trabalho ao sol, costas pretecidas. O fim: jato de mangueira gelada em bunda quente queimada avermelhada, bucha esfregando a pele sensível abrindo levemente pequenas fissuras

cuja cor ia se ajuntando com a queimadura do resto da bunda. Passei quatro horas ali e na hora de tirar, me doí o bumbum. Naquela noite, na hora de dormir, me doí o bumbum; no dia seguinte, na hora que sentei me ardeu; hoje já uma semana corrida, ainda coço a área, agora já na lembrança do avermelhado, toda marrom escuro e ainda não cicatrizada da queimadura. Ando por aí com pardo marcado na bunda; não por caneta ou por tinta, pela minha própria pele. O branco marca o pardo

o marrom minha pele. Ando por aí  
com meu pardo na bunda escondido  
entre tecido de vestido, de saia,  
de calça a short jeans, tecido de  
calcinha, renda. ando com meu  
pardos sempre

à  
altura  
do  
bolsa













carimbunda



feito de  
madeira  
catada  
na rua







exposição de 0 à 24 horas é censurada no MAM entre 1972-7; em 1967 Salão de Brasília que expunha obra em homenagem a Che Guevara é fechada; em Salvador na Bienal Nacional da Bahia 1968 com painel que denunciava violência policial contra movimento estudantil, também fechada; em 1969 a mostra da representação brasileira à Bienal de Paris foi acusada de ser subversiva e foi desmontada no Museu de Arte Moderna do Rio; censuras no Salão Nacional de Arte Moderna e proibição da participação de alguns artistas de salões de arte; desenhos do cárcere de Zílio; peça Roda-Viva; peça O berço do herói de Dias Gomes; Roque Santeiro; Laranja Mecânica; encenação de Romeu e Julieta; música tiro ao Álvaro, Jorge Maravilha, rock das aranhas, sociedade alternativa, maluco beleza, alegria alegria censuradas; pra não dizer que não falei das flores de Geraldo Vandré; títulos de Cassandra Rios; Apesar de Você amanhã há de ser outro dia; Feliz ano novo de Rubens Fonseca; O justiceiro filme de Nelson Pereira; Terra em Transe de Glauber Rocha; novela o bem amado; Ney; peça Liberdade, Liberdade; entre tantos.

página 100  
do sertão  
de rosa

Queria  
entender  
do medo e  
da  
cidade,  
e da fã  
que  
empurra  
a gente  
pra  
fazer  
tantos  
atos,  
dar  
corpo no  
suceder.

# você aguenta

Marx, ao estudar as bases da produção capitalista, concluiu o que já se sabe há algum tempo: exploração crescente do trabalhador e controle para que ele mesmo se suprima. As trocas e encontros dentro de um contexto capitalista tomam forma de contrato entre o acumulador do capital, o empregador, e a energia de trabalho, o empregado, fazendo com que o tempo do trabalho seja monetarizado na forma de salário em detrimento à criação de encontros construtivos. Renúncia da vida por sua funcionalidade, renúncia do coletivo pelo individual, separação entre prática e poética, que para Marx deveriam ser ações complementares, uma tornando-se parte da outra em constante troca; porém não aqui.

# o existir?

o crescimento econômico sem parar como única forma de  
desproblematizar os problemas sociais

o consumo pra uns bocados de exagerado, busca de felicidade que dura  
a vida toda.

a normalidade na desigualdade e de seus "benefícios" afirmando ideias  
positivistas de bem comum;

a competição e exclusões como imprescindíveis à justiça social, à  
igualdade e à ordem.

alma sebosa

em canto  
de três raças

E ecoa noite e dia, é  
ensurdecedor. Ai mas que  
agonia, o canto do trabalhador;  
esse canto que devia ser o  
canto de alegria soa apenas  
como soluçar de dor.


cotidiano  
cômido de  
desigualdade

O capitalismo industrial é flexêro dentro dos fluxos que desejam, recalcando-os no inconsciente ao negar subjetividades em espécie de auto-repressão. Tranca em caixa pequena tudo que vem de dentro quié pra não chamar atenção, daí então o próprio cabra começa a se reprimir em busca de se enricar: exploração mercantil impondo unidade transcendente do eu, deixando tudo que é prazer crescer no coração da gente na forma de desprazer, de semente monoculturada. O sistema se organiza por meio de uma descodificação geral que atravessa todas as formas produtivas e de desejos, assim como os próprios fluxos: dinheiro passa a produzir dinheiro, produção por produção, trabalho abstrato e sem terra nenhuma; é quando tudo passa a se prostrar na produção capitalista. Iapois, é o dinheiro e o capital que arenga, são como a força motriz que pertuba os desejos por meio da falta e da culpa na busca incessante por dinheiro danado de gerar mais dinheiro. Daí que tá: o desejo como força produtiva, que pode vir a ser potência revolucionária e só pelo querê de fundo de peito pode ameaçar os fluxos de poder;

desterritório de  
fluxos desejantes



Dia a dia  
perseguido  
necessidades,  
apartamentos,  
empréstimos, ir ao  
supermercado,  
depositar  
cheque...



delicia é ler sobre  
amor fatal; sobre  
Magali Alabau

desejos, por isso tão perigosos por isso tão controlados. Te desafio à desejar diferente; numa quinta de noite ouvi Daniel Mundukuru numa dessas entrevistas virtuais falando sobre desentortar pensamento, quié palavra pra decolonizar só que não mora em academia.

O liberalismo econômico, marca do sistema capitalista, é o regime de produção da arte moderna e da arte contemporânea; tornando berço do dinamismo da arte, o empreendimento privado. E pra reforçar ideia antiga, como tudo que vive no sistema e participa de seu funcionamento depende das relações criadas com a potência hegemônica, daí é mais que fundamental questionarmos nossa situação cultural: a quem servimos? De quem são esses interesses? Quem podemos realmente dentro desses territórios alcançar?

Introduzir processos sociais, para além de seu registro, em instituições de arte frustra por todo um inteiro; a não ser que seu contexto de pesquisa seja aquele restrito à pequena parcela de transeuntes de museu que tem possibilidade, tempo e interesse sócio-politicamente construído para participar desse encontro; geralmente parcela da elite.

Ai dentro. Trabalhos artísticos são impregnados pelos espaços e locais que habitam pois se comunicam pelo seu meio, e a neutralidade dessas instituições nega-se ao espaço externo de trocas reais, de trocas do povo. Por isso, e mais um pouco, trabalhos envolventes de processos sociais devem ocorrer onde as pessoas estão, em relação direta com o que fazem: na rua, criadouro de acochados de gente.

her  
me  
ti  
co

As paredes dos museus; brancas e herméticas; desterritorializam tudo o que nos contam; torna-se tudo assim mais comprável,

é espaço ideológico voltado a consagrar a arte, separando-a como mercadoria, do mundo exterior. Daí te proponho um exercício, de frente à uma produção em arte, questionar-se: me permite existir enquanto eu o olho ou nega meus modos de estar? Recusa o outro? Dentro de meu espaço vivido, que maneiras corresponde a minhas aspirações? Critica o que precisa ser criticado? Trabalha questões vívidas?

falar sozinho  
em voz alta  
cantar em voz  
alta música  
que fica repetindo  
na cabeça  
gritar em lugar  
que ecoa  
dançar em público  
articular  
dramaticamente

Os museus foram criados por democracias burguesas para fazer seus frequentadores assentirem à arte do mecenato privado de elite. Do mesmo jeitinho então, as instituições artísticas valorizam noções universalistas e coloniais de arte, artista, identidade e comunidade, estimulam o culto ao estrelato, que conserva a magicalidade da persona do artista reduzido à mercadoria, e o culto ao público. Ai o capitalismo catando a arte.

A palavra alemã “*museal*” descreve aqueles objetos que não tem mais uma relação vital com aquele que os observa; objetos morridos, fúnebres, póstumos; cuja relação com a vida já não mais existe, tendo de sobranter apenas seu efeito histórico; espetáculo.


## caixinha pequena

Criei um caixinha de madeira pequena, lá guardo paradoxos em pequenos papéis amassados, tudo que me inquieta de atuar como guerrilha artística dentro de instituições de arte; lugares que nunca foram ponto de encontro de uma família de interior nordestina e nortenha como a minha; desidentificação. A arte absorvida nessa forma de prática de vida, em um contexto de ciclos mercadológicos tradicionais da arte contemporânea, acaba por carecer de capacidade de criticar a si mesma e o sistema vigente. Instituições que são prisioneiras das contradições culturais, controladas por interesses corporativos, respingam todos

madeira

trabalhos sobre seu teto. Atividades isoladas à quatro paredes de instituições privilegiadas, apenas colaboram para permanência da zona de conforto; guerrilha que perde significância ao adentrar sistemas maquinários do mercado e suas zonas de passividade receptora ao tecer diálogos que circundam apenas a si mesmos; confinamento de trabalhos agora carentes de função cultural-social com sobra de gênios de talento criativo e alguns trocados.

encontrado nas  
ruínas de  
crimp; 47



A obra-de-arte tem tanto medo do mundo em geral e precisa tanto de isolamento para existir que faz uso de todos os meios de proteção possíveis e imagináveis. Ela se emoldura, desaparece sobre o vidro, entrincheira-se por detrás de uma superfície à prova de bala, cerca-se de um cordão de isolamento e de instrumentos que medem o teor de umidade da sala, pois o menor resfriado seria fatal. Afastada do mundo e fechada em uma redoma, total e permanentemente o abrigo do olhar.

esfregar o corpo em  
tecido de camurça  
arrepio no corpo  
de banho quente  
em dia frio

Guardo desejos imensos de desejar,  
desejo tanto que intensamente,  
intensamente desejo desejos  
intensos. Desejo trabalho de arte que  
tome as instituições que busca tornar  
visíveis socialmente para que se  
possa ser lido. Arte vivida. Atuar no  
campo da arte em terras vizinhas, que  
tudo quié esquina se abre em rua, não  
impede uma circulação secundária no  
mercado, afinal artista tem que  
viver, tem que comer, tem que querer  
levantar de manhã cedo, fazer café  
quente preto e trabalhar; e  
infelizmente ainda não há modo de  
separação do sistema. Mas há  
possibilidades de criadouro de fluxos  
econômicos autônomos e mais  
solidários; despropósitos; para que  
então o funcionalismo das atividades,  
virado no mói de coentro, passe a  
criar subjetividades de bom gosto com  
as relações com o mundo.

~~criar~~  
não dever  
nada a  
ninguém

Hoje, dentro da arte contemporânea, temos as possibilidades expandidas de brincar com arte, pesquisar em arte, de arriar arte feito lençol pelos ares do mundo. Definir as instituições da arte dentro de campo estreito de museus, salões e galerias é muito pouco, apesar de ainda serem os principais dentro do mercado econômico. A arte já adentra estúdios, cafés, ateliês abertos, praças, centros urbanos; adentra ação, adentra rua, mas é preciso fazer circular mais.

há  
braços

De certo que quanto mais se reduz a significação social de uma arte, maior fica a distância, no público, entre a atitude de fruição e a atitude crítica. Porém, percebe-se que muitos trabalhos de arte guerrilheiros persistiram estéreis em si, não ocasionando efetiva mudança a não ser como testemunho histórico; alguns por não impactarem grandes massas, ou simplesmente por não terem resultados visíveis. Acho que esperar por grandes reviravoltas de hora pr'outra me parece um exercício ilusório cansativo; mudanças massivas universalistas fazem parte

tentar ouvir o que mora  
na silêncio




de sistemas excludentes  
coloniais. De certo que  
as reais futuras  
intenções políticas  
devem ser artísticas,  
devem partir da  
criatividade humana;  
áreas de ficcionais de  
liberdade do ser; mas  
caminhamos a passos de  
formigas para enrijecer  
a base e mover o  
superficial por onde  
cravam seus pés, pela  
terra. Transformações  
moleculares arenosas  
são capazes de gerar  
processos epidêmicos  
que influenciam outros  
grupos trazendo mói de  
possibilidades, iapois,  
o que começa de baixo, a  
tendência é crescer.

encaixar corpo  
em canto de parede  
usar camiseta  
grande de casulo  
pro corpo em  
posição feral

Daí, quero fazer  
um adendo que  
liberdade é  
entendida aqui  
como uma área em  
que a revolução se  
origina. Dale  
então: introduzir  
em todas as áreas,  
nos quatro cantos  
do mundo, formas  
libertárias de  
viver,  
alternativas  
revolucionárias a  
cultura vigente.

# AVANTE

Avante; diante  
de  
fechamentos,  
novas  
possibilidades  
de expansão!  
Você pode até  
dizer que eu tô  
por fora, ou  
então que eu tô  
inventando,  
mas é você que  
ama o passado e  
que não vê, é  
você que ama o  
passado e que  
não vê que o  
novo sempre  
vêm.



como nossos  
pais



- E a água vem de onde?

- A água que eu uso vem dali da chácara. A chácara fica do outro lado e tem uns índio também, lá do outro lado; aqui por todo canto; aqui e lá em cima, fica uns lá pra cima ali, fica em todo canto. - fala Dona Maria enquanto aponta pra todos os lados

- Tem uns que a gente nem conversa porque não fala a fala da gente. eu não sei nem o que que eles dizem. as vezes vem uma senhorinha já de idade aqui.

sensível  
mora  
dentro  
de  
conversa  
solta

convi  
te de  
encon  
tro  
espaç  
o de  
ironi  
a  
brech  
a  
brinc  
ante  
quilo  
mbo  
lúdic  
o  
ciclo  
vital  
uns  
insta  
ntes  
dança  
I  
pensa  
mento

A “patrulha amarelinha” também é convite de encontro. Com boné preto e uniforme amarelo com o escrito “PATRULHA”, saio às ruas desenhando amarelinhas no chão com giz em pó. Proponho um espaço de ironia, de ludicidade; uma empregada contratada para fazer amarelinhas com giz de quadro, uma empresa que abre brechas brincantes, despropósitos. Rua que é espaço do freje cotidiano, se abre em um caminho para o céu. Sair, nem que seja por uns instantes, do que se sempre é.

Chamo para dançar pensamento e expressão numa vivência definida pela poética do instante, um encontro entre simples corpos, ação e ambiente; agora sem o objeto, é o encontro de quem coloca corpo para jogo com a espontaneidade do brincante. Matriacardi se pinta inteiramente de jenipapo e põe corpo andante pelos dias até a cor preta se dissipar.


No encontro do corpo, com os ciclos vitais do homem percebe-se a criação de possibilidades de ressignificação do desejo ao se desenvolver supra-sensações

corporales que vão no centro da criatividade, da espontaneidade estrategicamente adormecida no dia-a-dia. O cotidiano é carente da presença humana; calcificada por engrenagens maquinarias, coisifica-se seres sociais; e a consciência, como um dos lugares da arte, pende a balança da alienação e anestesia. Se a roupa é segunda pele, a extensão do corpo, é preciso arrancar a pele, buscar o sangue, as vísceras.

a boniteza de hélio  
quando potencializa  
estado de invenção;

boniteza

Quem dança rindo  
Numa roda de ciranda  
Se debruça na varanda  
Pra ver estrela caindo  
Quem fica ouvindo  
Descortina uma janela  
Sem trava e sem taramela  
Com o verso entrando e saindo  
Quem dança rindo  
Diz ciranda é carrossel  
E é como misturar mel  
Num suco de tamarindo  
Quem fica ouvindo  
Diz que o verso não se engancha  
Depois que sai se desmancha  
Porque já tem outro vindo  
Quem está dançando  
Está querendo imitar  
Um rio encontrando o mar  
Quando a maré está mudando  
Quem fica olhando  
Só avista o passarinho

  
*mel; tamarindo e siba.  
gosto de ouvir música  
que sai de boca cheia de  
sotaque nordestino*

Que deixa o calor do ninho  
Bate as asas e sai voando  
Quem está dançando  
Imita o vento que é  
Fazedor de cafuné  
Num coqueiral balançando  
Quem fica olhando  
Vê a coroa de rima  
Que eu recebi lá de cima  
Pra devolver não sei quando  
Quem quer brincar  
Forma roda mão com mão  
Deixa uma marca no chão  
Toda vez que o pé pisar  
Quem não dançar  
Vai me ouvir cantando em verso  
As criações do universo  
Do céu, da Terra e do mar  
Quem quer brincar  
Dá a mão ao companheiro  
Forma a roda no terreiro  
E pode se balançar  
Quem não dançar  
Procure um canto e se escore  
Abra o ouvido e decore  
Ou grave no celular

PATRULHA



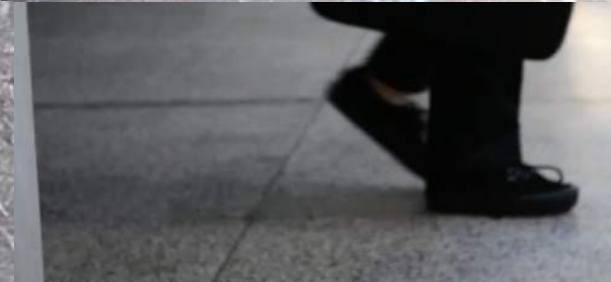




PATRULHA









Me encanta também quando a arte encontra a educação, uma daquelas vezes que a cultura vira guerrilha. Allan em "*projeto outros caminhos*" realizado com estudantes analfabetos de uma escola em Oakland em que em conjunto eles saem para fotografar grafites - temática escolhida pelos alunos. Allan, sabendo que os mesmos não sabiam ler, não entendia o interesse específico pelo tema, então chamou os meninos à sua loja e pediu que os mesmos reproduzissem os grafites nas paredes cobertas de papel pardo. Depois de alguns dias os seus nomes e algumas imagens já estavam aparecendo nas paredes, e então começaram a praticar a contação de histórias em grupo, estimulando os alunos a contarem suas próprias e aqueles que já escreviam eram encorajados a reproduzir suas histórias em algum local. À partir de algum tempo o artista já pode perceber um aumento da inibição dos



estudantes quando o entusiasmo começou a calar a timidez além da sala ter sido ninho também para diversas discussões sobre raça.


# BRIN CADEI RA EDU CA CIO NAL

O certo é que se essa experiência ocorresse em uma instituição de ensino, nunca assim se daria. E se ocorresse em uma obra-de-arte, nunca assim se daria. Parte falha arte, parte falha ensino; segundo Kapiro, temos aqui uma *brincadeira educacional*. O projeto grita como as formas práticas de arte podem criar formas de educar construtivas que não sobrefoquem apenas o caráter conteudista ligado à educação escolar. Finais que não se findam, ao contrário, que escancara suas portas e instigam o pensamento sensível. Trabalhos de arte que mais do que isso são processos de interação que não são válidos somente pelo fato de serem artes. Dentro desse guarda-chuva cabe muito mais gente.

A educação tem papel essencial no empoderamento de seres pois é forma capilarizada de inserção na cultura, ela forma para o cultivo e o cuidado futuro com o mundo partilhado. A educação produz saberes que exprimem como se dão as relações do mundo e é um importante pilar para a herança cultural, criando novas possibilidades de ação cidadã nos destinos e transformação da sua realidade. Criadouro de pontes de desenvolvimento humano sustentável, processo que aumenta a liberdade efetiva das pessoas para realizar aquilo que valorizam. Porém atualmente como vimos ela circunda valores hegemônicos de trabalho, consumo e abundância como sinônimos universais de felicidade, não se embrenha em criar subjetividades sensíveis. Daí, então, a arte.

RACHADURA  
FRONTEIRA  
POLÍTICO  
IDEOLÓGICO  
CIRCUNDA  
DESTINO  
ABUNDÂNCIA  
EFETIVA

A multidisciplinaridade vem aos muitos trazendo rachaduras nas fronteiras entre arte e educação; artistas como educadores,

eu respiro  noite severina

educadores como artistas, projetos educacionais como trabalhos de artes, trabalhos de arte como projetos educacionais. A arte possibilita novas formas de atuação no campo educativo na produção de conhecimento coletivo não atado ao blablabla acadêmico. Anton Vidokle: exposição como escola, locais de estudo como trabalho de arte dentro dos museus; Miklós Erdely: exercícios de criatividade que questionam padrões ocidentais; Beuys: universidade livre internacional; Annette Krauss: currículo oculto, atua com conhecimentos de interesses dos alunos que não estão no currículo tradicional; Jorge Menna: café educativo e entre muitos outros. A atuação de artistas na educação tem escancarado portas para novos conhecimentos e trocas cria-se sujeitos preparados para lidar com as estratégias de controle hegemônicas; subjetividades despropositas.

Daí, é isso, tenho sentido a urgência de  
atuar de tantas diversas formas dentro  
do campo

teu desejo

artístico,  
mobilizar meu  
aparato sensível  
de tantos meios,  
explorar as  
dinâmicas que  
mudam e  
transformam a todo  
tempo as trocas e  
movimentos  
sociais, mas  
sempre buscando  
mobilizar  
encontros com a  
arte vivida  
sensível, a criar  
questionamentos  
sobre o solo que se  
pisa e  
principalmente  
abrir espaços de  
fala não coloniais  
que priorizem a  
solidariedade do  
encontro.

gringou Jacob  
Klitowitz  
sobre a ação  
de Antonio  
Manuel entrar  
nu no Salão de  
Arte Moderna

Perambulando e experimentado  
toda potencialidade do  
sensível, viver de  
despropósitos; às besteiras,  
“num país em que elas nascem  
como as flores e a erva”  
Cultivando desejos imensos de  
criar espaços múltiplos que  
compartilhem relações e  
encontros mais justos, que não  
estimulem trocas  
imperialistas, mas sim pensem  
sobre formas de vida densas e  
múltiplas que combinam  
existências com o outro; que lá  
fora somos nós mesmos,  
brasileiros.

de  
Breton

Pratiquer la  
poésie à  
democratização  
irrestrita da  
sensibilidade.

Tinha suspirado  
Tinha beijado o papel devotamente  
Era a primeira vez que lhe escreviam  
Aquelas sentimentalidades  
E o seu orgulho dilatava-se  
Ao calor amoroso que saía delas  
Como um corpo ressequido  
Que se estira num banho tépido  
Sentia um acréscimo de estima por si  
mesma  
E parecia-lhe que entrava enfim  
Numa existência superiormente  
interessante  
Onde cada hora tinha o seu encanto  
diferente  
Cada passo conduzia a um êxtase  
E a alma se cobria de um luxo radioso de  
sensações

amOR, i love you



## Companhias

- Quem sabe isso quer dizer amor de Milton é daquelas músicas que a entrada já denuncia, que parece que não vai caber no coração; que ele vai sair de mim antes da música chegar no fim;

- Coração de estudante foi uma música que me acompanhou na universidade em diversos períodos. Eu achava que os professores achavam minha cara;

- Lembro quando Gabriel me mostrou poeira de cordel encantado. Gabriel é um desses amores que sempre me trouxe músicas naquele clichê de que se lembrava de mim. Gosto dessa música, me lembra o sertão;

- Visitei grande sertão de Rosa;

- Catei asa no vento de João do Vale;

- Catei hábito de comportamento, como Ellis, de meus pais. O livro de Bishop que tive como auxiliar o google tradutor por tamanha extensão. Arte participatória, em que pude ler sobre as companhias da própria Claire;

- Guardo coleção de papéis de versos de pavão misterioso. Troco ordens, invento novas cantorias;

- Canto das Três Raças de Nunes que sempre foi uma música que canta sobre tantos corpos brasileiros, como o meu também, mestiça de três;

- Fragmento de dentro de ser-crânio de Hubermann;

- Poema de recordação de Conceição Evaristo; convite pra despertar;

- Algumas listas de direitos a cidade com David Harvey;



- Guerrilhas de Artur Freitas;
- De xangai; meninos, matança, arrumação. Escrito que tem ritmo próprio;
- Catei ruínas nos museus de Crimp;
- Das sensibilidades de Rancière;
- Convido a tese de Erinaldo pra adentrar, trago notas sobre educação e relações de poder;
- Notas e listas de direitos a educação e papel da educação dos escritos de Carlos Jamil;
- Te indico a música Amarildo de Vix Russel;
- Moacir que convite Hélio pra dançar;
- Um jogados de francês de Jules Vallès e Bachelard;

- Demétrio, Miguel e Sombra Saraiva foram nomes que busquei pra compor estudos americolatinos, coisas e tal, relações geopolíticas do Brasil;
- Performance artística; espaços de fogo cruzado de Bia Medeiros;
- Catei notas de Daniel Buren sobre obra no lugar que se inscreve;
- A poética do espaço e os sensíveis de Bachelard;
- De Maria Eugênia, tese de mestrado e um bocado de afeto;
- No segundo ano de pandemia, me encontrei toda quinta feira de noite com um grupo de mulheres. Tivemos reuniões, conversas encontros trocamos textos amores carinhos segredos. Alguns foram de Magali Alabau; amor fatal;

- Era dia de semana, de noite, Laura havia me indicado no dia anterior a aula de Rosana Paulino no youtube. Tava frio, fiz chocolate quente e coloquei a tela conectada na televisão. Passei a noite ouvindo por 2h Rosana contar histórias sobre decolonialidade e coisas mais;

- Minuto 1:46 ao 3:19 da música bb king de Baco Exu. De todo álbum, parte que mais me desperta arrepio no corpo;

- Pra levar o que quiser de mim; de César, em Pietá;

- Dos fluxos de desejo em Deleuze e Guattari;

- Benjamin na obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, blablabla, e naquele artigo do artista como etnógrafo;

- Quem me apresentou Kaprow foi Tatiana, acho que tenho afeição por ele porque tenho por ela. Esse texto li pouco antes de terminar a lista de leitura que tinha feito pro tcc; gosto de listas, tenho coleções delas também; acho que era domingo, se não me passa esquecimento, passei o dia vendo filme e não queria deixar cabeça pesada, resolvi ler um texto da lista que me chamou atenção o título sucessos e fracassos quando a arte muda;

- Mel tamarindo de siba;

- Frase de raízes errantes de Jabés;

- Algumas das verdades chinesas de Emílio Santiago;

- Cato visualidades de pablo petit;

- Texto de Émina educação como direito social que li em Organização da Educação Brasileira, anotei alguns trechos entre educação e relações de poder;

- As formas de se relacionar com o outro das páginas de Bourriaud;

- Poema de Mariguella. O país de uma nota só;

- Conheci os textos de Fabião nas temáticas de política e arte, e acabei caindo de amores por seus escritos, até me inscrevi pra receber pelo email mais artigos dela. Trouxe seus escritos de programa performativo;

- Karina me indicou agamben quando fiz não-dispositivo, era sobre alguma ideia que ela tinha pra mudança do nome do trabalho que tarde acabei abraçando;

- Num desses dias de preparação de leitura de tcc me dei com Brasília, comunicação radical e arte ativista. Gosto dos pensamentos de Leandro, lembro também de ter marcado afeto dentro de mim por termo de chamamento comunicação radical;

- Cato ao vento espumas de fagner;

- Foi ana paula que me mostrou Laraia, depois, mais tarde quando já nem era minha professora, encontrei cultura de laraia enfiado entre os livros da estante. Peguei, puxei, quase que ele não queria vir. Era pequeno, parecia versão de bolso, a intimidade de seu tamanho me trouxe sensações gostosas durante sua leitura, lembro disso;

- Dos arrepios de noite Severina pela voz de Queironga.

- Amor, i love you.







- E a água vem de onde?

- A água que eu uso vem dali da chácara. A chácara fica do outro lado e tem uns índio também, lá do outro lado; aqui por todo canto; aqui e lá em cima, fica uns lá pra cima ali, fica em todo canto. - fala Dona Maria enquanto aponta pra todos os lados

- Tem uns que a gente nem conversa porque não fala a fala da gente. eu não sei nem o que que eles dizem. as vezes vem uma senhorinha já de idade aqui.

sensível  
mora  
dentro  
de  
conversa  
solta

convi  
te de  
encon  
tro  
espaç  
o de  
ironi  
a  
brech  
a  
brinc  
ante  
quilo  
mbo  
lúdic  
o  
ciclo  
vital  
uns  
insta  
ntes  
dança  
I  
pensa  
mento

A “patrulha amarelinha” também é convite de encontro. Com boné preto e uniforme amarelo com o escrito “PATRULHA”, saio às ruas desenhando amarelinhas no chão com giz em pó. Proponho um espaço de ironia, de ludicidade; uma empregada contratada para fazer amarelinhas com giz de quadro, uma empresa que abre brechas brincantes, despropósitos. Rua que é espaço do freje cotidiano, se abre em um caminho para o céu. Sair, nem que seja por uns instantes, do que se sempre é.

Chamo para dançar pensamento e expressão numa vivência definida pela poética do instante, um encontro entre simples corpos, ação e ambiente; agora sem o objeto, é o encontro de quem coloca corpo para jogo com a espontaneidade do brincante. Matriacardi se pinta inteiramente de jenipapo e põe corpo andante pelos dias até a cor preta se dissipar.


No encontro do corpo, com os ciclos vitais do homem percebe-se a criação de possibilidades de ressignificação do desejo ao se desenvolver supra-sensações

corporales que vão no centro da criatividade, da espontaneidade estrategicamente adormecida no dia-a-dia. O cotidiano é carente da presença humana; calcificada por engrenagens maquinarias, coisifica-se seres sociais; e a consciência, como um dos lugares da arte, pende a balança da alienação e anestesia. Se a roupa é segunda pele, a extensão do corpo, é preciso arrancar a pele, buscar o sangue, as vísceras.

a boniteza de hélio  
quando potencializa  
estado de invenção;

boniteza

Quem dança rindo  
Numa roda de ciranda  
Se debruça na varanda  
Pra ver estrela caindo  
Quem fica ouvindo  
Descortina uma janela  
Sem trava e sem taramela  
Com o verso entrando e saindo  
Quem dança rindo  
Diz ciranda é carrossel  
E é como misturar mel  
Num suco de tamarindo  
Quem fica ouvindo  
Diz que o verso não se engancha  
Depois que sai se desmancha  
Porque já tem outro vindo  
Quem está dançando  
Está querendo imitar  
Um rio encontrando o mar  
Quando a maré está mudando  
Quem fica olhando  
Só avista o passarinho

  
mel; tamarindo e siba.  
gosto de ouvir música  
que sai de boca cheia de  
sotaque nordestino

Que deixa o calor do ninho  
Bate as asas e sai voando  
Quem está dançando  
Imita o vento que é  
Fazedor de cafuné  
Num coqueiral balançando  
Quem fica olhando  
Vê a coroa de rima  
Que eu recebi lá de cima  
Pra devolver não sei quando  
Quem quer brincar  
Forma roda mão com mão  
Deixa uma marca no chão  
Toda vez que o pé pisar  
Quem não dançar  
Vai me ouvir cantando em verso  
As criações do universo  
Do céu, da Terra e do mar  
Quem quer brincar  
Dá a mão ao companheiro  
Forma a roda no terreiro  
E pode se balançar  
Quem não dançar  
Procure um canto e se escore  
Abra o ouvido e decore  
Ou grave no celular

PATRULHA



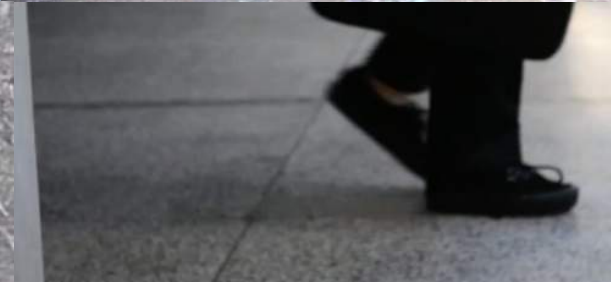


PATRULHA











Me encanta também quando a arte encontra a educação, uma daquelas vezes que a cultura vira guerrilha. Allan em "*projeto outros caminhos*" realizado com estudantes analfabetos de uma escola em Oakland em que em conjunto eles saem para fotografar grafites - temática escolhida pelos alunos. Allan, sabendo que os mesmos não sabiam ler, não entendia o interesse específico pelo tema, então chamou os meninos à sua loja e pediu que os mesmos reproduzissem os grafites nas paredes cobertas de papel pardo. Depois de alguns dias os seus nomes e algumas imagens já estavam aparecendo nas paredes, e então começaram a praticar a contação de histórias em grupo, estimulando os alunos a contarem suas próprias e aqueles que já escreviam eram encorajados a reproduzir suas histórias em algum local. À partir de algum tempo o artista já pode perceber um aumento da inibição dos

estudantes quando o entusiasmo começou a calar a timidez além da sala ter sido ninho também para diversas discussões sobre raça.


# BRIN CADEI RA EDU CA CIO NAL

O certo é que se essa experiência ocorresse em uma instituição de ensino, nunca assim se daria. E se ocorresse em uma obra-de-arte, nunca assim se daria. Parte falha arte, parte falha ensino; segundo Kapiro, temos aqui uma *brincadeira educacional*. O projeto grita como as formas práticas de arte podem criar formas de educar construtivas que não sobrefoquem apenas o caráter conteudista ligado à educação escolar. Finais que não se findam, ao contrário, que escancara suas portas e instigam o pensamento sensível. Trabalhos de arte que mais do que isso são processos de interação que não são válidos somente pelo fato de serem artes. Dentro desse guarda-chuva cabe muito mais gente.

A educação tem papel essencial no empoderamento de seres pois é forma capilarizada de inserção na cultura, ela forma para o cultivo e o cuidado futuro com o mundo partilhado. A educação produz saberes que exprimem como se dão as relações do mundo e é um importante pilar para a herança cultural, criando novas possibilidades de ação cidadã nos destinos e transformação da sua realidade. Criadouro de pontes de desenvolvimento humano sustentável, processo que aumenta a liberdade efetiva das pessoas para realizar aquilo que valorizam. Porém atualmente como vimos ela circunda valores hegemônicos de trabalho, consumo e abundância como sinônimos universais de felicidade, não se embrenha em criar subjetividades sensíveis. Daí, então, a arte.

RACHADURA  
FRONTEIRA  
POLÍTICO  
IDEOLÓGICO  
CIRDUNDA  
DESTINO  
ABUNDÂNCIA  
EFETIVA

A multidisciplinaridade vem aos muitos trazendo rachaduras nas fronteiras entre arte e educação; artistas como educadores,

eu respiro  noite severina

educadores como artistas, projetos educacionais como trabalhos de artes, trabalhos de arte como projetos educacionais. A arte possibilita novas formas de atuação no campo educativo na produção de conhecimento coletivo não atado ao blablabla acadêmico. Anton Vidokle: exposição como escola, locais de estudo como trabalho de arte dentro dos museus; Miklós Erdely: exercícios de criatividade que questionam padrões ocidentais; Beuys: universidade livre internacional; Annette Krauss: currículo oculto, atua com conhecimentos de interesses dos alunos que não estão no currículo tradicional; Jorge Menna: café educativo e entre muitos outros. A atuação de artistas na educação tem escancarado portas para novos conhecimentos e trocas cria-se sujeitos preparados para lidar com as estratégias de controle hegemônicas; subjetividades despropositas.

Daí, é isso, tenho sentido a urgência de  
atuar de tantas diversas formas dentro  
do campo

teu desejo



artístico,  
mobilizar meu  
aparato sensível  
de tantos meios,  
explorar as  
dinâmicas que  
mudam e  
transformam a todo  
tempo as trocas e  
movimentos  
sociais, mas  
sempre buscando  
mobilizar  
encontros com a  
arte vivida  
sensível, a criar  
questionamentos  
sobre o solo que se  
pisa e  
principalmente  
abrir espaços de  
fala não coloniais  
que priorizem a  
solidariedade do  
encontro.

gringou Jacob  
Klitowitz  
sobre a ação  
de Antonio  
Manuel entrar  
nu no Salão de  
Arte Moderna

Perambulando e experimentado  
toda potencialidade do  
sensível, viver de  
despropósitos; às besteiras,  
“num país em que elas nascem  
como as flores e a erva”  
Cultivando desejos imensos de  
criar espaços múltiplos que  
compartilhem relações e  
encontros mais justos, que não  
estimulem trocas  
imperialistas, mas sim pensem  
sobre formas de vida densas e  
múltiplas que combinam  
existências com o outro; que lá  
fora somos nós mesmos,  
brasileiros.

de  
Breton

Pratiquer la  
poésie à  
democratização  
irrestrita da  
sensibilidade.

Tinha suspirado  
Tinha beijado o papel devotamente  
Era a primeira vez que lhe escreviam  
Aquelas sentimentalidades  
E o seu orgulho dilatava-se  
Ao calor amoroso que saía delas  
Como um corpo ressequido  
Que se estira num banho tépido  
Sentia um acréscimo de estima por si  
mesma  
E parecia-lhe que entrava enfim  
Numa existência superiormente  
interessante  
Onde cada hora tinha o seu encanto  
diferente  
Cada passo conduzia a um êxtase  
E a alma se cobria de um luxo radioso de  
sensações

amor, i love you



## Companhias

- Quem sabe isso quer dizer amor de Milton é daquelas músicas que a entrada já denuncia, que parece que não vai caber no coração; que ele vai sair de mim antes da música chegar no fim;

- Coração de estudante foi uma música que me acompanhou na universidade em diversos períodos. Eu achava que os professores achavam minha cara;

- Lembro quando Gabriel me mostrou poeira de cordel encantado. Gabriel é um desses amores que sempre me trouxe músicas naquele clichê de que se lembrava de mim. Gosto dessa música, me lembra o sertão;

- Visitei grande sertão de Rosa;

- Catei asa no vento de João do Vale;

- Catei hábito de comportamento, como Ellis, de meus pais. O livro de Bishop que tive como auxiliar o google tradutor por tamanha extensão. Arte participatória, em que pude ler sobre as companhias da própria Claire;
- Guardo coleção de papéis de versos de pavão misterioso. Troco ordens, invento novas cantorias;
- Canto das Três Raças de Nunes que sempre foi uma música que canta sobre tantos corpos brasileiros, como o meu também, mestiça de três;
- Fragmento de dentro de ser-crânio de Hubermann;
- Poema de recordação de Conceição Evaristo; convite pra despertar;
- Algumas listas de direitos a cidade com David Harvey;

- Guerrilhas de Artur Freitas;
- De xangai; meninos, matança, arrumação. Escrito que tem ritmo próprio;
- Catei ruínas nos museus de Crimp;
- Das sensibilidades de Rancière;
- Convido a tese de Erinaldo pra adentrar, trago notas sobre educação e relações de poder;
- Notas e listas de direitos a educação e papel da educação dos escritos de Carlos Jamil;
- Te indico a música Amarildo de Vix Russel;
- Moacir que convite Hélio pra dançar;
- Um jogados de francês de Jules Vallès e Bachelard;

- Demétrio, Miguel e Sombra Saraiva foram nomes que busquei pra compor estudos americolatinos, coisas e tal, relações geopolíticas do Brasil;
- Performance artística; espaços de fogo cruzado de Bia Medeiros;
- Catei notas de Daniel Buren sobre obra no lugar que se inscreve;
- A poética do espaço e os sensíveis de Bachelard;
- De Maria Eugênia, tese de mestrado e um bocado de afeto;
- No segundo ano de pandemia, me encontrei toda quinta feira de noite com um grupo de mulheres. Tivemos reuniões, conversas encontros trocamos textos amores carinhos segredos. Alguns foram de Magali Alabau; amor fatal;

- Era dia de semana, de noite, Laura havia me indicado no dia anterior a aula de Rosana Paulino no youtube. Tava frio, fiz chocolate quente e coloquei a tela conectada na televisão. Passei a noite ouvindo por 2h Rosana contar histórias sobre decolonialidade e coisas mais;

- Minuto 1:46 ao 3:19 da música bb king de Baco Exu. De todo álbum, parte que mais me desperta arrepio no corpo;

- Pra levar o que quiser de mim; de César, em Pietá;

- Dos fluxos de desejo em Deleuze e Guattari;

- Benjamin na obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, blablabla, e naquele artigo do artista como etnógrafo;



- Quem me apresentou Kaprow foi Tatiana, acho que tenho afeição por ele porque tenho por ela. Esse texto li pouco antes de terminar a lista de leitura que tinha feito pro tcc; gosto de listas, tenho coleções delas também; acho que era domingo, se não me passa esquecimento, passei o dia vendo filme e não queria deixar cabeça pesada, resolvi ler um texto da lista que me chamou atenção o título sucessos e fracassos quando a arte muda;

- Mel tamarindo de siba;

- Frase de raízes errantes de Jabés;

- Algumas das verdades chinesas de Emílio Santiago;

- Cato visualidades de pablo petit;

- Texto de Émina educação como direito social que li em Organização da Educação Brasileira, anotei alguns trechos entre educação e relações de poder;

- As formas de se relacionar com o outro das páginas de Bourriaud;

- Poema de Mariguella. O país de uma nota só;

- Conheci os textos de Fabião nas temáticas de política e arte, e acabei caindo de amores por seus escritos, até me inscrevi pra receber pelo email mais artigos dela. Trouxe seus escritos de programa performativo;

- Karina me indicou agamben quando fiz não-dispositivo, era sobre alguma ideia que ela tinha pra mudança do nome do trabalho que tarde acabei abraçando;

- Num desses dias de preparação de leitura de tcc me dei com Brasília, comunicação radical e arte ativista. Gosto dos pensamentos de Leandro, lembro também de ter marcado afeto dentro de mim por termo de chamamento comunicação radical;

- Cato ao vento espumas de fagner;

- Foi ana paula que me mostrou Laraia, depois, mais tarde quando já nem era minha professora, encontrei cultura de laraia enfiado entre os livros da estante. Peguei, puxei, quase que ele não queria vir. Era pequeno, parecia versão de bolso, a intimidade de seu tamanho me trouxe sensações gostosas durante sua leitura, lembro disso;

- Dos arrepios de noite Severina pela voz de Queironga.

- Amor, i love you.



